



## **Reflexões sobre o lugar da verdade nos textos jornalístico e ficcional: o que Pedro Dom tem a ver com Hilda Furacão?<sup>1</sup>**

Diana Paula de Souza<sup>2</sup>

Doutoranda em Comunicação e Cultura na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ)

### **Resumo**

Considerando o texto jornalístico como narrativa, abordamos a interseção entre esse gênero, de natureza fática, e a ficção. A existência de personagens e a humanização do relato são exemplos de estratégias discursivas utilizadas para capturar a atenção do leitor, gerando uma identificação. Isso é observado na análise comparativa entre o livro *Hilda Furacão*, de Roberto Drummond, e a cobertura realizada pelo jornal *O Globo*, na ocasião da morte do assaltante Pedro Dom. O lugar da verdade em cada um deles é posto em causa, já que ficção não é sinônimo de mentira, e o jornalismo não é capaz de dar conta da amplitude e da complexidade dos fatos que narra, mas de um recorte deles. Utilizamos o pensamento de Michel Foucault sobre a força do discurso, a oposição entre o verdadeiro e o falso e a vontade de verdade que perpassa os discursos.

### **Palavras-chave**

Jornalismo e ficção; Narrativa jornalística; Vontade de verdade.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Jornalismo.

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ. Jornalista e bacharela em direito, com especialização em Direito Penal e Processual Penal pela Universidade Estácio de Sá – Juiz de Fora. Redatora-editora de jornalismo do Portal Multirio. E-mail: diana\_jfora@yahoo.com.br.

## Introdução

O que Hilda Furacão tem a ver com Pedro Dom? Em princípio, essa questão pode parecer sem sentido, uma vez que a primeira é personagem do livro homônimo de Roberto Drummond, e o segundo, um assaltante, morto nas ruas do Rio de Janeiro em setembro de 2005. Ela, uma personagem da ficção. Ele, das páginas dos jornais. Eis aí uma primeira interseção. No que mais Hilda Furacão se parece com Pedro Dom? Por que ambos atraíram a atenção de tanta gente?

Foi pensando no discurso jornalístico como narrativa que detectamos algumas similitudes entre os textos jornalístico e ficcional, questionando, no primeiro caso, a universalidade das verdades que constrói. Para tanto, utilizamos o pensamento de Michel Foucault sobre a força do discurso, especialmente no que se refere a oposição entre o verdadeiro e o falso e a vontade de verdade que perpassa os discursos.

### 1. Hilda Furacão segundo Roberto Drummond

*Hilda Furacão.* Terá a bela e sedutora protagonista do livro de Roberto Drummond realmente existido? Ou terá sido apenas fruto da imaginação do autor? A obra, de 1991, narra a trajetória da Garota do Maiô Dourado, que outrora encantava os homens à beira da piscina e nas missas dançantes do tradicional clube da capital mineira, Minas Tênis.

Hilda Gualtieri Von Echeverger, mãe italiana e pai alemão, desprezando milionárias propostas de casamento, passa a ocupar o quarto 304 do Maravilhoso Hotel, localizado na rua Guaicurus, centro da Zona Boêmia de Belo Horizonte. É 1º de abril de 1959. Desafiando a moral da Igreja e da Tradicional Família Mineira (TFM), Hilda, com seus olhos cor de fumaça, enfeitiça os homens, transformando-se no maior mito sexual que Belo Horizonte já viu. Seu caminho cruza-se com o de três jovens vindos de Santana dos Ferros, interior do estado: frei Malthus queria ser santo, mas tornou-se frade dominicano; Aramel, o Belo, sonhava fazer sucesso em *Hollywood*, mas acabou um *dom-juan* de aluguel; e Roberto, que pretendia ser escritor, tornou-se jornalista na *Folha de Minas*.

Em meio à guerra para transferir a Zona Boêmia para a Cidade das Camélias, na periferia, é que Roberto, narrador-personagem e alter-ego do autor, conhece Hilda. A partir daí, persegue o objetivo de explicar porque a “Garota do Maiô



Dourado” veio para a Zona Boêmia. Nesse contexto, é organizada uma passeata, tendo frei Malthus como líder, para exorcizar a pecadora. Sob uma forte tempestade, Hilda, tal qual Cinderela, perde seu mais estimado sapato, que é encontrado pelo Santo. Por ironia do destino, ela passa a povoar a imaginação e os sonhos do frei, ameaçando sua pretensão de realizar o primeiro milagre.

Roberto Drummond prepara um grande final para a história. Final que, entretanto, é frustrado pela ocupação militar nas ruas de Belo Horizonte, no dia 1º de abril de 1964, aniversário da protagonista. A grande pergunta da trama, no entanto, não é respondida. Os motivos que levaram Hilda Furacão para a Zona Boêmia ficam por conta da imaginação do leitor, chegando ela a insinuar que a única verdade a seu respeito é que não passa mesmo de uma brincadeira de 1º de abril.

Ao escrever o romance, Drummond não esperava tamanho sucesso. Segundo ele, os equívocos em relação à obra aconteceram desde o lançamento, pois, em princípio, foi classificada como não-ficção. Isso alimentou a imaginação do leitor quanto à existência ou não da personagem. Na época, ele chegou a afirmar que Hilda Furacão realmente existiu, alegando até a assinatura de um contrato que garantia sigilo sobre a identidade dela, versão que foi confirmada pelo advogado Flávio Dalva Simão em entrevista ao jornal *O Globo*. Também a cabeleireira Ruddy e frei Beto afirmaram ter conhecido a protagonista da trama, mantendo contato com ela<sup>3</sup>. Contudo, Drummond acabou negando a existência da prostituta:

Alimentei isso. E por várias razões. A primeira é que meu estilo literário, aberto à participação do leitor, acabou chegando ao extremo por causa da minissérie. (...) Virei um refém do livro (...). E já disse uma vez: a mim interessa mais o boato do que o fato. Fiz algumas brincadeiras, é verdade. Mas estava num momento de farra, meio bêbado de uma situação. A Hilda é resultado da soma de várias realidades. Houve uma na década de 40, outra na década de 50, uma em Belo Horizonte, outra em outro lugar. Eu recriei, reciclei essa personagem e a entreguei ao sonho do brasileiro<sup>4</sup>.

Em nossa entrevista<sup>5</sup>, o escritor chegou a insinuar a inexistência de Hilda. Em seguida, confessou ser um grande mentiroso, já que as pessoas acreditam mais em suas mentiras que em suas verdades. Ele disse que, em Belo Horizonte, todos acreditavam na existência da personagem. A respeito disso, a epígrafe do livro, uma

---

<sup>3</sup> ANDRADE, 1998, Globo on-line.

<sup>4</sup> ANDRADE, 1998, p. 1-2.

<sup>5</sup> Entrevista realizada em 3 de março de 1999, em Belo Horizonte, transcrita integralmente em SOUZA, 1998, p. 63-75.

frase de Dostoiévski<sup>6</sup>, é reveladora: “não invente nunca a fábula nem a intriga. Utilize o que a própria vida oferece. A vida é infinitamente mais rica que as nossas invenções. Não existe imaginação que nos proporcione o que, às vezes, nos dá a vida mais corriqueira e comum. Respeite a vida!”.

## 2. A morte de Pedro Dom segundo *O Globo*: algumas considerações teóricas

E *Pedro Dom*, quem foi? Segundo *O Globo*<sup>7</sup>, “um jovem bandido de classe média que, nos últimos seis anos, comandou uma onda de assaltos a residências na Zona Sul, na Barra da Tijuca e no Recreio dos Bandeirantes”. Pedro Machado de Lomba Neto tinha 23 anos e era filho de uma dona de antiquário e de um ex-policial civil. Sempre estudou em colégios particulares, mas só cursou até a 4ª série, pois desde os 11 anos tinha envolvimento com o tráfico. “O assaltante mais procurado do Rio viveu a infância e parte da adolescência em prédios com o mesmo perfil que ele passou a invadir, com uma granada na mão, aos 17 anos: luxuosos e em áreas nobres do Rio e de Brasília”<sup>8</sup>, conta o jornal. Foi morto pela polícia no dia 15 de setembro de 2005, fato que ganhou destaque na edição do dia seguinte da publicação.

Então por que Pedro Dom atraiu a atenção não só da polícia e da mídia, mas do público em geral? Talvez pelo mesmo motivo que *Hilda Furacão* tenha capturado os corações e mentes dos brasileiros na ocasião em que a minissérie foi exibida pela Rede Globo. O que teria levado um jovem de classe média a ingressar no caminho, para ele sem volta, do crime?

A resposta não é simples. Roberto Drummond<sup>9</sup> afirmou que o grande desafio da ficção é convencer o leitor. Para tanto, em *Hilda Furacão* apropriou-se de certos recursos que deram credibilidade à trama, como o fato de o narrador-personagem possuir seu nome (Roberto) e ser, ao mesmo tempo, jornalista (como o escritor). Diferente do jornalismo, a narrativa romanesca procura aprofundar-se na noção de pessoa, com o ser humano sendo encarado ora como algo simples, ora complexo. Nesse último caso, surgem os conflitos individuais internos do personagem. O romance realista visa, assim, a elucidar a essência do homem.

---

<sup>6</sup> Apud DRUMMOND, 1991, p. 7.

<sup>7</sup> MARTINS *et al.*, 2005.

<sup>8</sup> AMORA, 2005.

<sup>9</sup> SOUZA, *op. cit.*, p. 63-75.

Tal como o personagem da ficção, o da vida real também não pode ser entendido em toda a sua complexidade. A mídia trabalha com um recorte da realidade e é reducionista por natureza. Apesar do mito da objetividade jornalística, pelo qual a imprensa deveria assumir uma posição de neutralidade, deixando ao leitor a tarefa de interpretar livremente os fatos por ela veiculados, não há de se negligenciar que o ponto de vista de quem observa o acontecimento para formular a mensagem é limitado. Nas palavras de Clóvis Rossi<sup>10</sup>:

A evidência de que a objetividade é impossível acabou por transferi-la a todas as páginas dos jornais. Afinal, entre o fato e a versão que dele publica qualquer veículo de comunicação de massa há a mediação de um jornalista (não raro, de vários jornalistas), que carrega consigo toda uma formação cultural, todo um background pessoal, eventualmente opiniões muito firmes a respeito do próprio fato que está testemunhando, o que leva a ver o fato de maneira distinta de outro companheiro com formação, background e opiniões diversas.

Logo, há de se considerar que os meios de comunicação de massa desempenham um papel de construção da realidade fática. Isso porque trabalham não só com a realidade ontológica, mas também com o discurso, com o relato de acontecimentos. Portanto, as matérias veiculadas na imprensa são versões de um mesmo episódio.

A descrição que *O Globo*<sup>11</sup> faz da personalidade de Dom, embora cruel, é bastante simples: “apesar de ser considerado pela família um jovem tímido, Pedro, segundo suas vítimas, era extremamente violento. Em Ipanema, chegou a dar uma coronhada numa moradora; no Recreio, ameaçou com uma granada uma criança que chorava”. Qualquer semelhança com os vilões da ficção não é mera coincidência. Para Sérgio Salomão Shecaira<sup>12</sup>:

O criminoso vem descrito, desde tempos imemoriais, como um delinqüente injusto, antipático, aético e egoísta. Sempre apresenta antecedentes criminais, cometendo seu crime de acordo com um plano pré-estabelecido por um grupo de extrema potencialidade delituosa. Seus motivos não afloram com clareza, mas certamente são de natureza superficial, baixos e em descompasso com a maneira de viver do bom pai de família. A busca do dinheiro ou a sanha de vingança sempre aparecem como elementos caracterizadores da personalidade do criminoso. Pronto; o estereótipo foi criado e a mídia o reforça.

---

<sup>10</sup> 2000, p. 8.

<sup>11</sup> AMORA, *op. cit.*

<sup>12</sup> 2001, p. 354.

Paulo Vaz<sup>13</sup> considera que as matérias jornalísticas, em especial as ligadas à violência, são endereçadas à classe média. Para ele, as pessoas dessa camada social sentem-se como vítimas virtuais da criminalidade no Rio de Janeiro. A violência na capital fluminense sempre existiu, mas era restrita a determinadas regiões. Na medida em que chega à Zona Sul e começa a ameaçar os setores hegemônicos, a questão passa a ser mais discutida e explorada na mídia. Talvez até supervalorizada.

Em seus estudos, Vaz aborda a imagem das favelas cariocas e conclui que a abordagem midiática desses locais é negativa, sendo esta, por extensão, a imagem adotada pelos setores médios da população. Isso gera uma mudança no estilo de vida das pessoas, que terminam por se relacionar cada vez mais com o mundo através dos meios de comunicação. Além disso, o *outro* passa a ser visto com desconfiança, principalmente se oriundo de uma classe social inferior.

Assim, o que talvez tenha instigado as pessoas no caso de Pedro Dom seja sua origem sócio-econômica privilegiada. Ele era filho da própria classe média e, por isso, mais desviante ainda que os criminosos estereotipados. Dom encarnava o bandido sem valores ou escrúpulos, que virava a cidade do avesso.

Na ficção, o vilão exerce o papel de antagonista, de contraponto ao herói. Para Vítor Manuel da Silva<sup>14</sup>, o herói “está ligado aos códigos culturais, éticos e ideológicos, dominantes numa determinada época histórica e numa determinada sociedade”. Hilda Furacão rompeu com a moral da classe média ao se tornar prostituta. Seu caráter, no entanto, permaneceu íntegro. Além disso, contrastava com a hipocrisia da sociedade mineira, mantendo valores como a ética e a honestidade. É isso que fez dela uma heroína tão simpática. Ao contrário de Hilda, as motivações de Dom não eram nobres. Sequer justificáveis.

Aqui, tocamos num ponto importante: a questão da narratividade. Para Luiz Gonzaga Motta<sup>15</sup>, a narrativa tem a função de traduzir conhecimentos sobre o mundo em relatos. A narrativa reveste-se, portanto, da narratividade, ou seja, da “qualidade de descrever algo enunciando uma sucessão de estados de transformação”, o que acaba por organizar o discurso narrativo, produzindo significações e dando sentido às coisas. Motta lembra que, na mídia, as narrativas podem ser fáticas ou fictícias.

---

<sup>13</sup> 2005.

<sup>14</sup> 1973, p. 270-273.

<sup>15</sup> 2005.

Produtos veiculados pela mídia exploram narrativas fáticas, imaginárias ou híbridas procurando ganhar a adesão do leitor, ouvinte ou telespectador, envolve-lo [sic] e provocar certos efeitos de sentido. Exploram o fático para causar o efeito de real (a objetividade) e o fictício para causar efeitos emocionais (subjetividades). Jornalistas, produtores e diretores de TV e cinema, roteiristas e publicitários sabem que os homens e mulheres vivem narrativamente o seu mundo, constroem temporalmente suas experiências.

Um exemplo foi a forma como *O Globo*<sup>16</sup> narrou a morte de Dom: “com perseguição, explosão de granada na saída do Túnel Rebouças e a invasão de um prédio na Lagoa, acabou na noite de ontem a história de um jovem bandido”. Era o tão esperado final feliz, caro aos *best-sellers* e *block busters*, pelo qual os heróis saem vencedores e os bandidos purgam suas culpas.

Segundo Motta<sup>17</sup>, a construção dos discursos midiáticos utiliza estratégias comunicacionais visando intenções e objetivos determinados. Isso exige a adoção de estratégias capazes de interferir na organização do discurso, estruturando-o em seqüências encadeadas. Tudo para que o receptor interprete a mensagem o mais próximo possível da intenção do emissor.

A partir desse entendimento nos damos conta de que as narrativas midiáticas não são apenas representações da realidade, mas uma forma de organizar nossas ações em função de estratégias culturais em contexto. As narrativas e narrações são dispositivos discursivos que utilizamos socialmente de acordo com nossas pretensões. Narrativas e narrações são formas de exercício de poder e de hegemonia nos distintos lugares e situações de comunicação.

### **3. Hilda, Pedro e a questão da verdade**

Como protagonista de um romance, Hilda Furacão não poderia ser uma prostituta comum. Suas motivações tinham que ser nobres, seu coração puro e seu sofrimento legítimo, a fim de purificar seu lado pecador, que aparece como um motivo sacrificial. Ela inverte a moral vigente. Purifica-se ao sofrer, ao ajudar os menos favorecidos, a amar de forma pura o Santo. Ao desafiar a moral da TFM, berço em que nasceu e cresceu, e ao apaixonar-se pelo que a Igreja acreditava ser o único santo vivo no mundo, Hilda subverte valores. Nesse duelo, a protagonista é vencedora, uma vez

---

<sup>16</sup> MARTINS *et all*, *op. cit.*, 2005.

<sup>17</sup> *Op. cit.*

que mostra que a moral vigente é muito frágil e hipócrita: o que contam são as aparências.

Durante toda a narrativa, Roberto Drummond brinca com o 1º de abril: é o dia do aniversário de Hilda, é o dia em que chega à Zona Boêmia, é o dia em que sai de lá para viver com Malthus, é o dia do Golpe Militar, é o dia do fim do sonho. Para ele, a estética do livro é a estética do 1º de abril, da verdade/mentira, da fronteira ficção/realidade. Segundo o autor<sup>18</sup>, *Hilda Furacão* é, não só uma obra de ficção, mas o retrato de uma época, de “uma Belo Horizonte que cheirava a jasmim e ao gás lacrimogêneo que a polícia jogava nos estudantes e que acabava sendo o perfume daqueles dias”. Tudo isso com base no que viu e viveu naquela época.

Drummond<sup>19</sup> considera a realidade muito subjetiva, pois é condicionada pelo ângulo ou o enfoque do fato. Assim, cada narrativa sobre um mesmo acontecimento vai variar de acordo com o ponto de vista de quem conta. “A realidade nunca é pão-pão, queijo-queijo”, disse. Ele acredita que as pessoas vão criando uma ficção paralela e apossando-se dela como se fosse uma realidade de fato. Ele contou ter conhecido pessoas que afirmavam que a famosa briga entre Cintura Fina e Maria Tomba Homem<sup>20</sup> tinha de fato acontecido: “é impossível, porque quando Maria Tomba Homem morreu, o Cintura Fina nem existia. Fui eu que coloquei os dois juntos”. Da mesma forma, existem muitas versões de outros personagens e até mesmo de Hilda.

O diferencial de *Hilda Furacão* e o que faz o romance sobreviver é justamente seu jeito de narrar assemelhado ao folhetim. “Há muita verdade e muita mentira e, se o final fosse outro, ninguém teria comprado o livro e não teria virado minissérie de televisão”<sup>21</sup>, afirmou. Logo, em *Hilda Furacão*, o limite entre a realidade e a ficção, entre a verdade e a mentira, não fica nítido. Existem muitas maneiras de se contar a verdade, e a ficção é uma delas. Mais uma vez, aqui, deparamo-nos com a criação de uma outra realidade, talvez mais atraente e sedutora que a realidade de fato, mas não menos real por isso. É o que nos diz Alceu Amoroso Lima<sup>22</sup>:

O termo ficção é ambíguo, pois evoca a falsidade, a invenção, o arbítrio, quando o que há é uma estilização da realidade e a descoberta de uma realidade outra, que pode ou não ir mais ao fundo da realidade

---

<sup>18</sup> DRUMMOND, 1991, p. 11.

<sup>19</sup> SOUZA, *op. cit.*, p. 63-75.

<sup>20</sup> Cintura Fina e Maria Tomba Homem são personagens de livro e da minissérie *Hilda Furacão*. Ambos existiram de fato – outro recurso do autor para dar credibilidade à trama.

<sup>21</sup> SOUZA, *op. cit.*, p. 63-75.

<sup>22</sup> 1990, p. 51.

em si. Há uma realidade só. [...] Mas podemos ter dessa realidade, única e intransferível, mil espetáculos, mil visões, mil ficções, isto é, mil modos de nos aproximarmos dela, cada um dos quais perfeitamente legítimo. [...] A ficção é, pois, o mundo dos símbolos. Não é o da irrealidade. Pode ou não corresponder a uma realidade ontológica. Mas ainda quando não corresponde, tem a sua realidade própria, diferente da realidade substancial dos entes de existência irreductível, mas nem por isso menos real a seu modo, ao modo simbólico da arte, embora não de natureza.

Fernando Resende<sup>23</sup> chama a atenção para o ato de narrar: “hoje se fala de tudo e de todos e de várias formas, o que traz à tona o fato de que narrar, necessário como sempre foi, seja também uma forma de nos localizarmos no mundo”. Ele reconhece que a narratividade é fundamental ao campo jornalístico, embora tenha sido deixada de lado numa época em que as subjetividades não eram bem vistas na produção de um conhecimento ordenado. “Além de ser autônomo e dependente, o jornalismo é também o campo em que se narra modos e experiências de vida, dado relevante para qualquer lugar de saber e prática que tenha a subjetividade como algo para além do efêmero”. Ao reconhecer isso, ele alerta que o jornalismo interfere no estado das coisas, legitimando e recriando modos de vida, pois atua na “construção do imaginário cotidiano do presente”. Resende encara as narrativas como:

Representações coletivas que intervêm subjetivamente no mundo contemporâneo, pois nelas circula uma diversidade imensa de atores sociais e de valores e contradições, compondo vários tipos de experiências que podem contribuir para que objetos de estudos antes estancados em suas dimensões objetivas sejam redimensionados, caso particularmente vital em se tratando do jornalismo.

Para tanto, ele propõe um mergulho no universo da linguagem, tomando “as narrativas jornalísticas como mediadoras das práticas e das representações sociais”. O autor reconhece, ainda, que as experiências e os modos de vida são cada vez mais apresentados pelas narrativas midiáticas. Portanto, concisão dos períodos, frases abreviadas e seleção de palavras, que, em conjunto com “uma retórica da ênfase ou da familiaridade”, atuam, segundo Sodré e Ferrari<sup>24</sup>, como táticas para se conquistar o público. A reportagem, como a literatura, solicita, ainda, a existência de personagens, pois não há narrativa sem um “quem” ou um “o quê”. “Na reportagem, estes dois

---

<sup>23</sup> 2005.

<sup>24</sup> 1986, p.14

elementos têm de existir, mas têm, sobretudo de despertar interesse humano – ou não serão suficientes para sustentar a problemática da narrativa”.

Já a humanização do relato leva à identificação entre leitores e personagens, pois se liga diretamente à emotividade, que será acentuada se o narrador não só testemunhar como também participar dos acontecimentos. O repórter, assim, tem de estar presente, pois é a parte que encurta a distância entre o leitor e o fato. Além disso, Sodré e Ferrari<sup>25</sup> lembram que os relatos não de ser precisos, o que garantirá a verossimilhança. Os autores demonstram a vitalidade do poder de denúncia do jornalismo, mas acentuam que, na sociedade contemporânea, essa força é usada de modo sedutor: “nenhum rebuscamento estéril, nenhuma forma monótona deve colocar-se entre o olhar do leitor e o fato restituído em sua veracidade”. Eles destacam que isso ocorre principalmente na reportagem, gênero jornalístico apto a contar ou narrar a atualidade.

O texto jornalístico é, portanto, de uma narrativa privilegiada que, embora conte com personagens, ação dramática e descrições do ambiente, difere da literatura por estar comprometida com a objetividade da informação. Mas os autores recomendam que “esse laço obrigatório com a informação objetiva vem dizer que, qualquer que seja o tipo de reportagem (interpretativa, especial, etc.), impõe-se ao redator o 'estilo direto puro', isto é, a narração sem comentários, sem subjetivações”. Em conclusão, enumeram as principais características de uma reportagem: “predominância da forma narrativa”; “humanização do relato”; “texto de natureza impressionista”; e “objetividade dos fatos narrados”.

Diante disso, o que se percebe é que podemos procurar a verdade tanto nas narrativas ficcionais quanto nas fáticas<sup>26</sup>. Também a falsidade está, em alguma medida, em cada uma delas. Para Michel Foucault<sup>27</sup>, verdadeiro e falso não se opõem de forma arbitrária, modificável, institucional ou violenta. Ele acredita que todo discurso é perpassado pelo que qualifica como uma “vontade de verdade”, um sistema histórico de exclusão, que é institucionalmente constrangedor. É o suporte institucional que ampara essa vontade de verdade, pressionando e coagindo as demais formas discursivas.

A vontade de verdade seria, assim, o poder persuasivo do discurso. Mas, além da argumentação que por certo há de estar presente, o que conta é quem ou que

---

<sup>25</sup> *Id. Ibid.*, p. 9-15

<sup>26</sup> Já nos referimos aqui ao caráter construtor de realidade que a mídia possui.

<sup>27</sup> 2003, p. 13-18.

instituição ampara o discurso proferido. Os veículos jornalísticos, por exemplo, têm a seu favor a credibilidade que a imprensa adquiriu ao longo do tempo. De um jornalismo panfletário e apaixonado, chegamos à notícia pretensamente objetiva e isenta. O resultado: o jornal como um retrato fiel da realidade e, por conseguinte, da verdade, que se torna universal e inquestionável. O que não se percebe, no entanto, é que o que é retratado na mídia é apenas um recorte da realidade. A verdade ali exposta não é incontestável e absoluta, mas uma versão do acontecimento.

Dessa forma, embora a conduta de Pedro Dom não possa ser aprovada pela sociedade, o jornal o vê apenas como um bandido. Em alguns momentos, insinua timidamente que sua maldade ou é inata ou fruto da separação dos pais. Entretanto, não explora a complexidade de sua personalidade e os motivos que o levaram às drogas e ao crime. A realidade não é tão simples e a verdade, muitas vezes, não pode ser totalmente desvendada. Só que, como já afirmamos, o entendimento do mundo se dá de forma narrativa. Para tanto, a mídia cria papéis e estabelece estereótipos.

A ficção, ao contrário, é vista como o lugar da irrealidade, da mentira. Mas toda arte é mimética, é uma recriação da realidade. Afinal, não há compreensão se eliminarmos o referencial real do que está sendo narrado. Já se disse que a ficção deve ser mais verossímil que a própria realidade. Só assim poderá atrair o leitor e convencê-lo de sua plausibilidade.

Desse modo, a vontade de verdade detectada por Foucault nos discursos está presente também na ficção. Hilda é de fato um “Furacão” porque inserida numa Belo Horizonte familiar a muita gente, porque se relaciona com figuras que realmente existiram. Hilda só é um “Furacão” porque algumas pessoas se vêem nela e porque tantas outras gostariam de sê-la. Por outro lado, o “Furacão” só tem sua força porque ultrapassa as características humanas das diversas “hildas” que povoaram a capital mineira.

Então, o que diferencia a vontade de verdade presente na narrativa jornalística da ficcional? Talvez a força da instituição que as sustenta. O discurso jornalístico é perpassado por uma vontade de verdade que quer ser verdade universal e incontestável. O texto de ficção, por outro lado, pode ter no imaginário, na dúvida, na fantasia elementos que fortalecem sua vontade de verdade. O que podemos afirmar com certeza é que literatura e jornalismo são atravessadas por vontades de verdade diferentes. Enquanto o jornalismo põe a máscara de verdade incontestável, a literatura

deixa o leitor mais livre nas interpretações possíveis. Talvez seja essa uma verdade mais honesta.

De todo modo, Foucault<sup>28</sup> reconhece que não há como reconhecer a vontade de verdade que atravessa o discurso verdadeiro. No jornalismo, o que salta aos olhos é uma verdade positiva e universal, ignorando-se que a vontade de verdade é uma

prodigiosa maquinaria destinada a excluir todos aqueles que, ponto por ponto, em nossa história, procuraram contornar essa vontade de verdade e recolocá-la em questão contra a verdade, lá justamente onde a verdade assume a tarefa de justificar a interdição e definir a loucura.

Foucault certamente não contempla a ficção em suas considerações. Entretanto, ousamos dizer que o discurso literário seria esse discurso do louco, desprovido de verdade e de razão, mas que pode nos falar, talvez, mais sobre o mundo que muitas instituições consolidadas. Entre elas, a imprensa.

### **Conclusão**

Enquanto Hilda tem justificada sua condição de prostituta por um recurso comum na narrativa ficcional, o motivo sacrificial, Pedro Dom, o bandido da vida real, fazia questão de afirmar sua maldade diante das vítimas, conforme notícia *O Globo*. Aqui, o protagonista não é o anti-herói, mas o bandido, com sua maldade escancarada e sua desumanidade, que se opõe ao herói sobrehumano. O que Hilda Furacão tem a ver com Pedro Dom? Ela é sobrehumana. Ele, desumano. Ambos, personagens de narrativas e, como tal, o que lhes falta é justamente a característica de seres humanos, tenham eles existido de fato ou não.

O que podemos perceber aqui é que a questão da verdade é delicada. Em ambos os casos, estamos lidando com o discurso, que é, em última análise, uma versão. Em um caso, a metáfora é um recurso amplamente utilizado. No outro, a linguagem fática. De um lado, está o autor, livre para narrar o mundo como quiser. De outro, o jornalista, tentando dissimular sua presença e sua visão das coisas por meio de uma linguagem objetiva. Em ambos, uma verdade a ser transmitida. Mas, de um lado uma verdade sujeita às mais variadas interpretações e construída para isso. De outro, uma verdade única, unidirecional, universal, em suma.

---

<sup>28</sup> *Op. cit.*, p. 19-20.



A imprensa mostra-se, portanto, como uma instituição que utiliza sua credibilidade e sua penetração para construir visões de mundo determinadas. É extremamente poderoso o discurso jornalístico, para o bem ou para o mal: elege e derruba políticos, cria visões de mundo, estereótipos, estabelece papéis, disciplina condutas, dá voz a alguns segmentos e ignora outros. Os critérios de noticiabilidade, tão familiares aos jornalistas, são poderosos instrumentos que as instituições midiáticas utilizam para selecionar o que é importante ou não para o leitor e, conseqüentemente, o que deve ser noticiado ou não. Parece que o que não está na mídia simplesmente não existe. Ações da polícia ou pautas do Poder Legislativo são agendadas pela visibilidade midiática. Em suma, o que faz da imprensa o quarto (?) poder é justamente a força com que estabelece e consolida as verdades ali narradas.

### Referências Bibliográficas

- AMORA, Dimmi. O último assalto poucas horas antes da morte. Disponível em: <http://www.oglobo.com.br>.
- ANDRADE, Patrícia. A identidade no cofre. Disponível em: <http://www.oglobo.com.br>.
- \_\_\_\_\_. Furacão só na ficção. **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 jul. 1998, Segundo Caderno, p. 1-2.
- DRUMMOND, Roberto. **Hilda Furacão**. 16. ed. Rio de Janeiro: Siciliano, 1991.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como estilo literário**. 20. ed. São Paulo: Com-Arte: EDUSP, 1990.
- MARTINS, Jorge *et all*. O fim do terror da classe média. Disponível em: <http://www.oglobo.com.br>.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **A análise pragmática da narrativa jornalística**. In: Intercom 2005, Rio de Janeiro. 1 CD-ROM.
- RESENDE, Fernando. **Jornalismo: narrativa e cultura como desafios**. In: Intercom 2005, Rio de Janeiro. 1 CD-ROM.
- ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- SHECAIRA, Sérgio Salomão. Mídia e criminalidade. In: \_\_\_\_\_. **Estudos criminais em homenagem a Evandro Lins e Silva**. São Paulo: Método, 2001. p. 353-67.



SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. O romance. In: \_\_\_\_\_. **Teoria da literatura**. 3. ed. rev. aum. Coimbra: Almedina, 1973. p. 247-346.

SODRÉ, Muniz. FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

SOUZA, Diana Paula de. Ficção: a realidade sem mentiras. Juiz de Fora: UFJF; FACOM, 2. Sem. 1998, 87 fl. mimeo. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social.

VAZ, Paulo *et all.* **Pobreza e risco**: a imagem da favela no noticiário do crime. In: XIV Encontro Anual da Compós, 2005, Niterói. XIV Encontro Anual Compós. Niterói, 2005.